

Editorial

O dossiê desta edição tematiza a experiência estética na comunicação, o que implica em meter uma alavanca no conceito de estética para dele retirar seu núcleo mais habitável e politizá-lo no melhor dos sentidos. Para Rancière, a filosofia torna-se política quando “acolhe a aporia ou o embaraço da política”. Este embaraço chama-se o *tort*, traduzido em português como “dano”, mas que poderia ser pensado como ato falho, como o torto nuclear da palavra em ato da fala: no centro da linguagem não há uma promessa de entendimento completo, como queria Habermas, mas o dissenso fundamental. Ao redor disso se constrói o mundo humano. O desentendimento não situa apenas a palavra, diz Rancière, mas a própria situação de fala: “o que torna a política um objeto escandaloso é que a política é a atividade que tem por racionalidade própria a racionalidade do desentendimento”.

A política não é, portanto, balanço de lucros e perdas, espécie de gestão na busca instrumentalizadora do *turning point* econômico, mas pergunta sobre a repartição das parcelas do *comum*. Em Rancière, para que a comunidade política “seja mais do que um contrato entre quem troca bens e serviços, é preciso que a igualdade que nela reina seja radicalmente diferente daquela segundo a qual as mercadorias se trocam e os danos se reparam”. O que importa é entender como se faz socialmente a contagem das parcelas que efetivamente contam, são visíveis nas superfícies comunicativas. É da existência dos sem-parcela na sociedade que emerge a política: é o mundo dos invisíveis, dos *sacer*, dos sem-palavra, dos sem-voz. Pensar a estética implica em partir desse conceito de política, pois a experiência estética implica repensar a contagem das parcelas que dividem os povos que habitam o mundo social, em inscrever os sem-parcela. É a partilha do sensível, ou seja, uma repartição de partes e lugares fundada “numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha”.

Foi com essa “pegada” que fizemos a chamada de trabalhos e convidamos César Guimarães para ser o consultor científico desse dossiê. Todos os artigos receberam pareceres

e Guimarães nos apoiou na discussão final da composição do dossiê. Agradecemos sua preciosa colaboração.

Nesse dossiê, Kati Caetano (UTP) investiga os componentes sensíveis nas comunicações, considerando que a questão do sentido não se traduz em leituras de caráter hermenêutico, mas compreende formas de presença no mundo de que derivam “regimes de significação que se manifestam sobre um modo necessariamente interacional”. Ângela Cristina Salgueiro Marques (UFMG) examina a aproximação entre comunicação, estética e política, a partir do exame do conceito de partilha do sensível, dissenso, resistência e comunidade. Jorge Cunha Cardoso Filho (UFRB) estuda três dimensões constitutivas na apreensão da experiência estética no campo da comunicação: a situação, as mediações sociais e as materialidades, para “identificar competências pragmático-performativas que são sintomas da experiência estética”. Benjamim Picado (UFF) analisa a discursividade visual do fotojornalismo e relação com o papel ativo da instância espectral. Carlos Magno Camargos Mendonça (UFMG) e Juliana Salles Siqueira (UFOP) estudam a obra de Nan Goldin, em especial *The ballad of sexual dependency* (1979), indicando o modo peculiar como a artista dialetiza as imagens de seu acervo pessoal, “mobilizando o espectador para um trabalho ativo nos intervalos e entretempos das fotografias exibidas”. Os autores trabalham a partir do conceito de imagens dialéticas de Didi-Huberman e de “emancipação do espectador” em Jacques Rancière. Victa de Carvalho (UFRJ) investiga os modos de subjetivação na experiência artística e cinematográfica contemporânea a partir da obra de Eija-Liisa Ahtila. César Guimarães (UFMG) e Victor Guimarães (UFMG) tematizam a dimensão política do documentário, buscando mudar a tendência de considerar a representação como operador analítico, na direção de uma alternativa construída a partir do conceito de *partilha do sensível*. Frederico de Mello Brandão Tavares (UTP) discute a relação do sensível com o jornalismo impresso, examinando a questão a partir de uma análise da revista *Vida Simples*, em que “o sensível desponta como uma espécie de fio invisível que costura a trama editorial”.

Entre os demais artigos esta edição apresenta os de Isabella Pezzini; Tiziana Migliore; Félix Thürlemann; Rogério da Costa; Beatriz Jaguaribe; Eduardo Morettin; Francisco Paulo Jamil Marques e Rafael Sampaio; Yvana Fechine; Antônio Fausto Neto; Angela Zamim e Priscila Borges.

Oito livros são resenhados, de autoria de Adriana Amaral, Raquel Recuero e Sueli Fragoso (Orgs.); Ana Paula Goulart Ribeiro e Igor Sacramento (Orgs.); Angela Marques e Heloisa Matos (Orgs.); Francisco Rüdiger; Joël Candau; L. A. Albornoz (Org.); Manuela Penafria (Org.); e Otto Groth.

José Luiz Aidar Prado
Editor Científico